

MARIA JOSÉ COSTA

O MESTRE, A DISCÍPULA E O BICHO INVISÍVEL



O Mestre, a Discípula e o Bicho Invisível

Maria José Costa

© Maria José Costa, 2020. Todos os direitos reservados.

O conteúdo deste livro – textos, ilustrações e imagens – é da inteira responsabilidade do autor.

Ilustração: João Nuno Ferreira, Diogo Miguel Freitas, Tiago Costa, Helena Peixoto Bastos, João Miguel Frazão, João Benedito Pereira, Lara Afonso, Bárbara Fernandes, Maria Manuel Faria, Guilherme Lemos, Fábio Leite, Santiago Mendes e Leonor Pereira.

Ilustração da capa: Inês Fernandes.

Revisão técnica: Pedro Sampaio, Francisco Rodrigues e Maria do Resgate Salta.

Revisão: Maria do Céu Dias e Cláudia Machado.

1.ª Edição: junho de 2020

ISBN [Edição Digital]: 978-989-782-094-6

5livros.pt

Rua da Boavista, 719, 1.º T

4050-110 Porto

Telef.: 222 038 145

Tlm: 919 455 444

www.5livros.pt

info@5livros.pt

O MESTRE, A DISCÍPULA E O BICHO INVISÍVEL

JOÃO MIGUEL

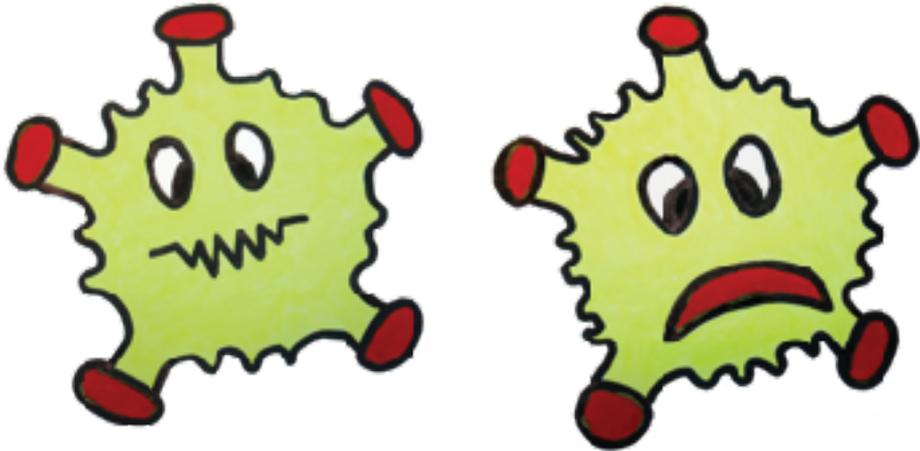


O Mestre e sua discípula Maria apreciavam o pôr do sol, que coloria o céu de intensas cores. Ela deslumbrava-se a observar a paisagem. O professor segurava a sua chávena de chá e deliciava-se com aquele momento.

O Mestre e a discípula aproveitavam as longas tardes para conversar sobre mágicos ensinamentos. Maria considerava que o Mestre sabia coisas mágicas, pois ele conseguia explicar a razão pela qual as coisas existem. Para a menina, o conhecimento era magia, era luz que clareava a escuridão da mente. Ela era uma menina interessada em compreender os fenómenos da vida.

No Mestre, a discípula depositava a confiança e ambos criaram uma aliança, uma cumplicidade tal que fizeram da vida um livro. Para o Mestre, os livros ensinam, mas os exemplos estão nas vivências, no dia a dia e nos momentos sentidos. Então, cada instante da vida era uma aula de ciências. Ele ensinava e ela deliciava-se.

GUILHERME



– Mestre, a natureza é tão bela! – exclamou a menina.

– Minha discípula, a natureza é a arte de Deus! – respondeu pensativo.

– A arte de Deus?! Mas, Mestre, vós sois um homem de ciências. – disse admirada.

– Não confundas as coisas, Maria. Sou biólogo e tenho a minha devoção, a minha fé. Há uma explicação científica

para a vida como ela é, mas também reconheço que o mundo é tão belo e perfeito que só pode ter a mão de Deus – respondeu, sorrindo.

– Mas, agora, o mundo não é perfeito, Mestre – afirmou a menina com pesado semblante.

– Estás a falar da pandemia? – questionou o Mestre.

– Sim! – retorquiu a discípula com a voz trémula.

– Maria, estás preocupada? – insistiu ele.

– Sim, Mestre, os adultos dizem tanta coisa e confesso que tenho dificuldade em perceber o que se passa... (pensativa)

O que é um vírus? – inquiriu a menina.

– Um vírus é diferente de todos os seres vivos, porque é acelular, ou seja, não é constituído por células. Ele é extremamente pequeno! Mede menos de 200 nanómetros de diâmetro e tem uma estrutura muito simples... Possui apenas uma cápsula, constituída por proteínas, no interior da qual se encontram uma ou mais moléculas. – informou o Mestre.

– Então, o coronavírus é acelular? (pensativa) O que significa acelular? – perguntou Maria.

– Acelular significa que não é uma célula. – explicou o Mestre.

MARIA



- Mas nós temos milhões vezes milhões de células?!
- interrogou Maria, enrugando a sua pequena testa.
- Sim! Por essa razão, o vírus é perigoso. - referiu o Mestre.
- Ah! - exclamou a menina.
- O vírus necessita de um hospedeiro, ou seja, alguém que o

receba, ainda que involuntariamente. Quando encontra a célula, desenvolve-se e cresce dentro dela, multiplicando-se...

– ... como um balão que se enche de ar? – interrompeu a menina.

– Sim, muito bem! O vírus invade a célula, é um parasita intracelular, ocupa-a, nela se desenvolve e se reproduz, ou seja, multiplica-se, aumentando a sua família. Assim, causa alterações no funcionamento da célula e pode levá-la à morte. Maria, estás a perceber? Tal como o balão, quando o vírus enche a célula de familiares, estoura e, depois, ocupa outras células, destruindo, desta forma, as nossas células e o nosso organismo. Sabes, o vírus é como um parasita à procura de um hospedeiro.

– continuou o Mestre.

DIOGO



Fez-se silêncio! O Mestre e a discípula ficaram a pensar na anômala realidade em que se vive atualmente. O vírus, o isolamento social, as perdas que afetam a nossa vida, a nossa família, o nosso país e o nosso planeta. O cenário é desanimador e triste, mas é preciso manter a esperança e acreditar no Homem. O vapor da chávena de chá serpenteava no ar e envolvia-se com a brisa que tocava no rosto envelhecido do Mestre, anunciando alguma tempestade. Era primavera, e o sol e a chuva revezavam-se como se ambos estivessem dispostos a ocupar a mesma cadeira. O calor impõe a sua vontade e o frio reclama a sua presença. A estação tenta renovar-se, tenta florir ora regando as plantas, ora acalorando as suas pétalas.

BÁRBARA



- Mestre! Mestre! – repetiu Maria.
- Sim... sim... desculpa, perdi-me nos meus pensamentos!
- A voz doce da menina despertou o Mestre das suas tão habituais reflexões e invasões pelo seu interior.

– Mas eu não gosto de parasitas, nem quero que vivam dentro de mim. – proferiu a menina determinada.

– Ninguém quer, Maria, por essa razão devemos ter muito cuidado. Devemos evitar as fontes de transmissão. – explicou o Mestre.

– Como assim? – inquiriu a discípula.

– Há duas formas de transmissão: uma, quando as secreções são diretamente expelidas para a boca ou nariz de pessoas próximas ou inaladas para os pulmões; outra acontece se tocarmos em superfícies ou objetos, que possam ter sido contaminados com secreções respiratórias, e depois tocarmos na nossa boca, nariz ou olhos. Portanto, a transmissão só acontece, quando existe um contacto próximo com uma pessoa infetada. – esclareceu o Mestre.

– Ah! Por isso, devemos manter a distância de 2 metros. – completou Maria.

– Verdade! Maria, tu és muito perspicaz! Parabéns! – elogiou, com orgulho, o desempenho da discípula.

TIAGO



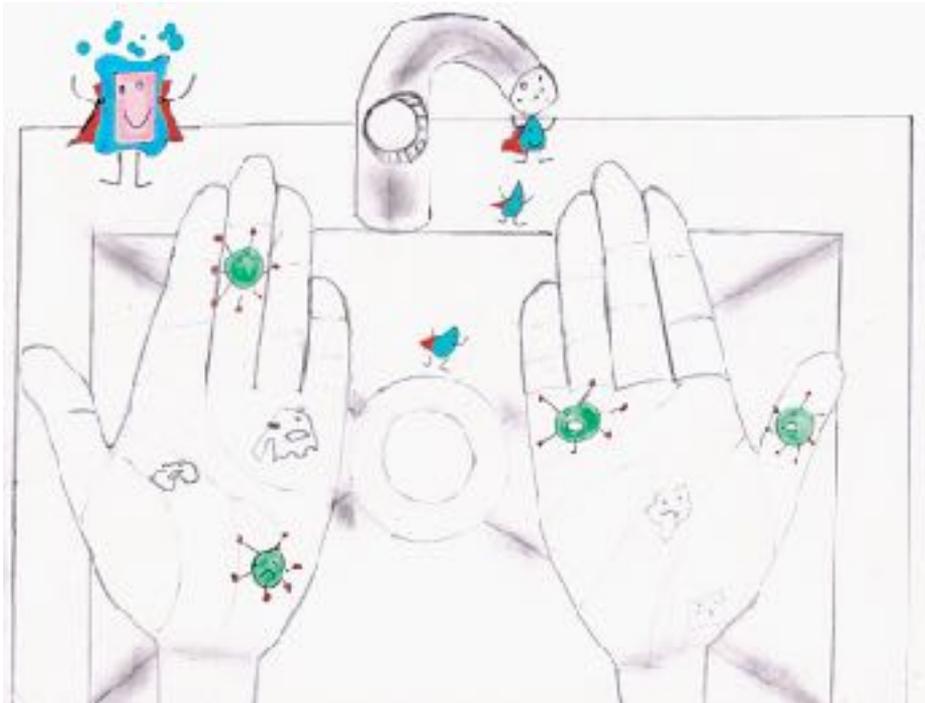
- Obrigada, Mestre! – agradeceu a menina.
- A distância é importante para evitar o contágio. Porém, o mais correto e seguro, neste momento, é ficar em casa. – elucidou o Mestre.
- O que acontece ao vírus, caso não encontre hospedeiro? – indagou Maria.
- Morre. – disse o Mestre.
- Também morre se lavarmos bem as mãos? – insistiu a menina.
- Sim, Maria, o vírus não gosta de sabão, detergente, álcool ou outro tipo de desinfetante. Ele não se afasta, mas é dissolvido juntamente com a água. – afirmou o Mestre.

SANTIAGO



- Porquê?! – interrogou Maria.
- Maria, o que acontece a uma panela com óleo ou outras gorduras, enquanto lavas loiça? – exemplificou o Mestre.
- Fica limpa. – respondeu a menina.
- Sim, fica limpa e sem gordura. (sorrindo). Sabes, a gordura é composta por moléculas com duas faces: uma liga-se a partículas de água e a outra a gorduras. Por isso, quando o detergente entra em contacto com as duas, ele junta as partículas de gordura e dispersa-as pela água.

HELENA



- O vírus COVID-19 tem gordura? – indagou a discípula.
- COVID-19 é a doença, Maria. O vírus chama-se SARS-CoV-2, ou seja, Síndrome Respiratória Aguda Grave, ou, como se diz, o novo coronavírus! – retificou o Mestre.
- Então, o vírus chama-se SARS-CoV-2 e COVID-19 é a doença? – repetiu a menina.
- Sim. O 19 está associado ao ano em que a doença foi descoberta, em 2019.
- Isto é um pouco confuso, não é?! – desabafou Maria, com um ar de nada satisfeita.
- Sim. (sorrindo). O coronavírus, tal como todos os vírus, é composto por uma camada de gordura e proteínas. Estas revestem os componentes que causam a infeção nos humanos. Se o vírus entrar em contacto com detergentes, a camada de gordura, que o protege, desagrega-se, fazendo com que o seu interior seja destruído. Para lavares as mãos, corretamente, são precisos, no mínimo, 20 segundos. – esclareceu o Mestre.
- Mestre, o detergente mata o vírus de fora para dentro! – concluiu Maria.

FÁBIO



– Sim, dá cabo dele, mas pode não ser o suficiente, Maria. Se porventura alguém da tua família sair à rua, deve redobrar os cuidados, por exemplo: proteger o nariz e a boca; utilizar um lenço de papel ou o braço, quando espirrar ou tossir, nunca as mãos; deitar o lenço no lixo; evitar tocar nos olhos, nariz e boca sem ter lavado as mãos; evitar contacto próximo com doentes com infeções respiratórias; evitar partilhar comida e outros bens pessoais; evitar partilhar qualquer tipo de materiais, ... – reforçou o Mestre.

LARA



– Mestre, como é que eu sei que apanhei o vírus? –
perguntou Maria.

– Maria, normalmente, os doentes infetados com o novo
corona vírus alegam sintomas como febre, tosse e falta de
ar, ...

– respondeu.

– Mestre, o que devem fazer os adultos caso isso aconteça?
– interrompeu a menina.

– Devem isolar-se em casa, evitando contacto com os
familiares e ligar para a linha do Serviço Nacional de Saúde,
808 24 24 24, antes de se dirigirem a um serviço de saúde, e
seguir todas as recomendações.

– Mestre, o vírus é perigoso para mim? – inquiriu Maria.

JOÃO BENEDITO E LEONOR

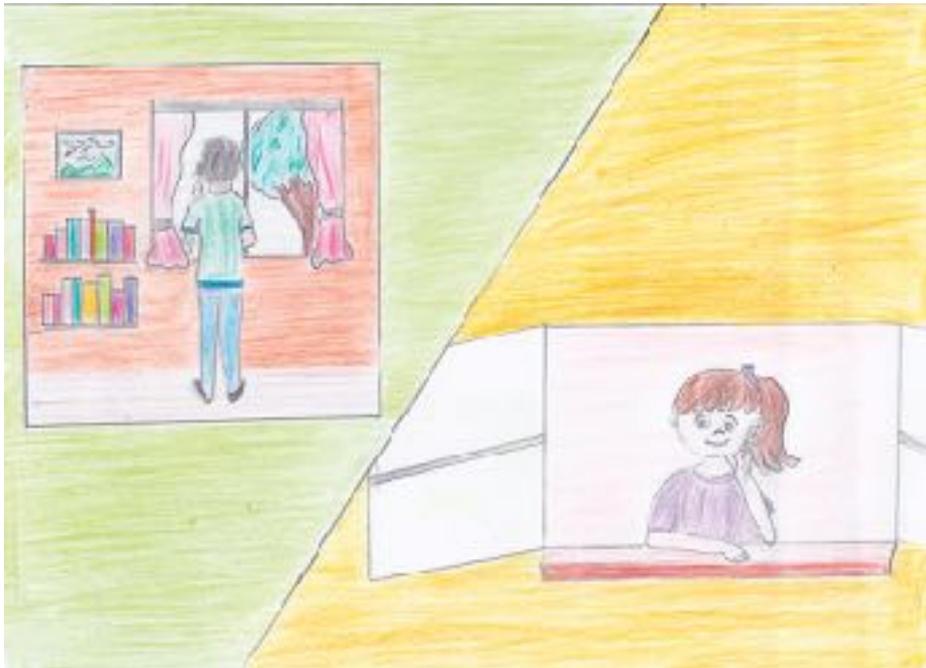


– Maria, o vírus é perigoso para todos. Contudo, há pessoas de risco elevado como idosos ou pessoas com outras doenças crónicas que fragilizam o sistema imunitário. – informou o Mestre.

– Mestre, eu terei muito cuidado, não sairei de casa e partilharei com os meus pais a nossa conversa – argumentou a menina.

– Fazes, bem, Maria! Todo o cuidado é pouco e devemos seguir as orientações do Serviço Nacional de Saúde...

JOÃO NUNO





– ... Mestre, a minha mãe está a chamar-me, tenho de desligar... – interrompeu a menina. – Está a chegar a hora do jantar! Amanhã, se chover, vamos conversar sobre as tempestades e a beleza dos trovões?!

O Mestre já não conseguiu responder. Do outro lado da linha, ouvia-se o som intermitente que assinala o fim da chamada. Pedro continuou, por momentos, a olhar para o horizonte, através da sua minúscula janela do escritório. Afastando-se da janela, pegou no seu telemóvel e, ao ouvir uma voz rouca do outro lado da linha, adiantou:

– Meu irmão, a minha sobrinha é impressionante! Nunca conheci uma criança tão curiosa. Hoje, quis falar sobre COVID-19.– disse o Mestre Pedro ao pai da Maria, sorrindo.